

ESTRUTURA  
E TOTALIDADE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA  
GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO  
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO  
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO



Reitora ANA MARIA DI RENZO

Vice Reitor ARIEL LOPES TORRES

Coordenadora Geral da Universidade ANA MARIA DI RENZO

EDITORA UNEMAT

Presidente MARIA DO SOCORRO DE SOUSA ARAÚJO

ARIEL LOPES TORRES – LUIZ CARLOS CHIEREGATTO  
MAYRA APARECIDA CORTES – NEUZA BENEDITA DA SILVA ZATTAR  
SANDRA MARA ALVES DA SILVA NEVES  
SEVERINO DE PAIVA SOBRINHO – TALES NEREU BOGONI  
JOSÉ RICARDO MENACHO TRAMARIM DE OLIVEIRA CARVALHO  
ROBERTO TIKAO TSUKAMTO JUNIOR – GUSTAVO LAET RODRIGUES

Coleção A espessura da linguagem

Comissão Editorial

Coordenadoras

ENI PUCCINELLI ORLANDI – MÓNICA ZOPPI-FONTANA

CÁRMEN LÚCIA HERNANDES AGUSTINI – FREDIA INDURSKY  
GRECIELY CRISTINA DA COSTA – LUIZ FRANCISCO DIAS  
TAISIR MAHMUDO KARIM

Patrick Sériot

# ESTRUTURA E TOTALIDADE

AS ORIGENS INTELLECTUAIS  
DO ESTRUTURALISMO NA EUROPA  
CENTRAL E ORIENTAL

Tradução

*Maristela Cury Sarian*

*Mariângela Peccioli Galli Joanielho*

EDITORIA  
UNICAMP

UNEMAT  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
- Editora Unemat -

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

---

Se67e Seriot, Patrick  
Estrutura e totalidade: as origens intelectuais do estruturalismo na Europa Central e Oriental / Patrick Seriot; tradução: Maristela Cury Sarian e Mariângela Peccioli Galli Joanielho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cáceres, MT: Editora Unemat, 2016.

1. Linguística – Europa – História. 2. Gramática comparada e geral – Fonologia. 3. Cultura. I. Sarian, Maristela Cury, 1977- II. Joanielho, Mariângela Peccioli Galli. III. Título.

ISBN 978-85-268-1301-4 (Editora da Unicamp) CDD - 410.94  
- 414.5  
ISBN 978-85-7911-158-7 (Editora Unemat) - 301.2

---

Edição original: *Structure et totalité: Les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale*, (c) 2012, Editions Lambert-Lucas, Limoges (France).

Copyright © 2016 by Editora da Unicamp



“Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d’Aide à la Publication 2014 a bénéficié du soutien de l’Institut Français du Brésil.”

“Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2014, contou com o apoio do Instituto Francês do Brasil.”

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editoraunicamp.com.br  
vendas@editora.unicamp.br

Editora UNEMAT  
Av. Tancredo Neves, 1095 – Bairro Cavalhada II  
CEP 78200-000 – Cáceres – MT – Brasil  
Tel.: (65) 3221-0023  
editora@unemat.br



Jakobson aos 16 anos.



Trubetzkoj.



Karel Teige, Vitezslav Nezval e Roman Jakobson na casa de Jiří Kroha em Brno, em 1933. Foto de J. Kroha. © The Roman Jakobson Trust.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, por sua confiança amiga, suas observações e seus conselhos, aos meus amigos e colegas Jean-François Berthon, Jean Breuillard, Pierre Caussat, Roger Comtet, Georges Nicolas, Gabriel Peyrachon e, ainda, a muitos outros, sem os quais este livro não seria o que é. Naturalmente, eu sou o único responsável pelos erros que ele possa conter.

Agradeço igualmente à minha esposa e aos meus filhos, que aceitaram pacientemente o tempo e a atenção que não lhes dediquei, durante a redação deste livro.



Desenho de Král, ilustrando o artigo de R. Jakobson : "O předpokladech pražské lingvistické školy", in: *Index*, 1934, nº 6 (Brno).

## SUMÁRIO

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	17
Novidade e descentramento.....	17
Três personalidades científicas.....	21
As “sugestões vindas do Leste”.....	25
As tradições.....	28
A complementaridade.....	30

### PRIMEIRA PARTE: A SITUAÇÃO

1. A QUESTÃO DOS LIMITES.....	35
1.1 Os limites no tempo: Muda-se de paradigma em linguística?.....	35
1.2 Os limites no espaço: Ciência russa e ciência europeia, identidade ou alteridade?.....	39
1.3 Os limites entre ciência e ideologia: A questão de uma epistemologia comparada.....	49
1.4 A dupla hélice.....	51
2. O MOVIMENTO EURASISTA.....	55
2.1 História institucional e política do movimento.....	59
2.2 A doutrina: Apresentação geral.....	64
2.2.1 <i>Contra o universalismo: A singularidade</i> .....	64
2.2.2 <i>Uma busca identitária: O ecumenismo impossível</i> .....	68
2.2.3 <i>Contra a civilização: As culturas</i> .....	71
2.2.4 <i>Uma concepção espacial da cultura</i> .....	81
2.2.5 <i>Contra a democracia: A ideocracia</i> .....	84
2.2.6 <i>Uma filosofia da história</i> .....	87
2.3 Fronteiras ausentes, fronteiras sonhadas.....	91
2.3.1 <i>Uma ideologia geografista</i> .....	91

2.3.2	<i>A fascinação mongol ou o paradoxo identitário</i> .....	108
2.3.3	<i>As figuras da alteridade: O europeu ou o asiático, o burguês ou a modernidade?</i> .....	112

## SEGUNDA PARTE: O FECHAMENTO

3.	O FATOR ESPAÇO .....	117
3.1	Breve estado da questão .....	120
3.2	A união fonológica das línguas em Jakobson.....	125
3.3	A metáfora da mancha de óleo.....	141
3.3.1	<i>A desagregação das famílias</i> .....	141
3.3.2	<i>O sistema e a aliança</i> .....	150
4.	CONTÍNUO E DESCONTÍNUO.....	163
4.1	Fechamento .....	165
4.1.1	<i>O organicismo</i> .....	165
4.1.2	<i>O positivismo</i> .....	172
4.2	O fechamento impossível.....	177
4.2.1	<i>J. Schmidt: As línguas são como ondas na água</i> .....	184
4.2.2	<i>A geolinguística: Cada traço é exclusivo; para cada fato, sua lei</i> .....	186
4.2.3	<i>J. Ansel: Um geógrafo que se interessa pela linguística</i> .....	192
4.2.4	<i>Uma tentativa de compromisso: A noção de “coincidência aproximativa”</i> .....	194
4.3	Síntese ou recuo? A teoria da sobreposição.....	196
4.3.1	<i>Na Alemanha: Th. Frings</i> .....	197
4.3.2	<i>Na França</i> .....	198
4.3.3	<i>O Círculo linguístico de Praga: O arco-íris e os sistemas fechados</i> .....	200
4.4	Onde começam e onde terminam as coisas? .....	202
5.	EVOLUCIONISMO OU DIFUSIONISMO?.....	205
5.1	O marrismo.....	207
5.2	Sobre a aproximação entre teorias aparentemente opostas.....	211

5.3 As categorias filosóficas.....	213
5.3.1 <i>O ser</i> .....	213
5.3.2 <i>O espaço</i> .....	220
5.3.3 <i>O tempo</i> .....	224
5.4 O enigma das semelhanças.....	239

TERCEIRA PARTE: A NATUREZA

6. DAS AFINIDADES.....	249
6.1 Duas maneiras de se assemelhar.....	251
6.1.1 <i>Uma questão de limites</i> .....	251
6.1.2 <i>Uma aproximação codificada: A noção jurídica e antropológica da aliança</i> .....	252
6.1.3 <i>Coesão e atração: Da alquimia à química</i> .....	254
6.1.4 <i>A taxonomia impossível: A noção biológica</i> .....	260
6.2 Uma embaraçosa ambiguidade: Semelhanças adquiridas ou inatas em linguística.....	265
6.2.1 <i>De um modelo evolucionista a um modelo difusionista</i> .....	266
6.2.2 <i>As afinidades fonológicas em Jakobson</i> .....	272
7. O MODELO BIOLÓGICO.....	279
7.1 Teleologia ou causalidade?.....	280
7.2 Nomogênese ou acaso?.....	284
7.3 Convergências ou divergências?.....	293
7.3.1 <i>Peixes e baleias</i> .....	293
7.3.2 <i>Correntes e tijolos</i> .....	295
7.4 A metáfora orgânica.....	301
8. A TEORIA DAS CORRESPONDÊNCIAS.....	305
8.1 O lugar de desenvolvimento: Um objeto não determinista?.....	305
8.2 O método da “ligação”.....	318
8.2.1 <i>Língua, cultura e território: A psicologia dos povos</i> .....	323
8.2.2 <i>Lugar de desenvolvimento e fonologia</i> .....	326

8.3 Ordem e harmonia.....	332
8.3.1 <i>Uma visão geométrica da geografia</i> .....	335
8.3.2 <i>Um sistema periódico</i> .....	359

#### QUARTA PARTE - A CIÊNCIA

9. A PERSONOLOGIA E A SÍNTESE DAS CIÊNCIAS.....	365
9.1 A ciência sintética.....	365
9.1.1 <i>Dois mundos opostos, duas ciências diferentes</i> .....	365
9.1.2 <i>À nova ideologia, ciência nova</i> .....	369
9.1.3 <i>Ciência analítica e ciência sintética</i> .....	372
9.1.4 <i>Uma pedagogia do olhar</i> .....	384
9.2 A personologia ( <i>personologija</i> ).....	388
9.2.1 <i>A filosofia da pessoa</i> .....	389
9.2.2 <i>O individual e o coletivo</i> .....	393
9.2.3 <i>A consciência e o sujeito</i> .....	396
9.2.4 <i>A língua e a pessoa</i> .....	398
10. O HOLISMO: O QUE É UM TODO?.....	401
10.1 Positivismo e holismo .....	402
10.2 A questão do naturalismo .....	410
10.3 Objeto dado <i>versus</i> objeto construído.....	430
10.4 Estrutura ou totalidade?.....	434
CONCLUSÃO .....	443
ANEXO: SEXTA “TESE DE 1929” SOBRE A GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA.....	453
Princípios da geografia linguística, sua aplicação e sua relação com a geografia etnográfica em território eslavo.....	453
BIBLIOGRAFIA.....	457
ÍNDICE DAS LÍNGUAS.....	487
ÍNDICE DAS NOÇÕES.....	489
ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS.....	501

## PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Este livro foi inicialmente destinado ao leitor francófono, para quem o estruturalismo nasceu em Paris, nos anos do pós-guerra. Ele não tinha nenhuma outra ambição além de trazer algumas correções a essas ideias recebidas, ou de mover a inércia do desconhecimento de um mundo intelectual para além do Danúbio, do qual se liam a literatura e a poesia, mas não as ciências humanas.

Ora, pouco a pouco, o destino deste texto se modificou e seu público foi ampliado; as traduções se multiplicaram: em russo, em seguida em tcheco, depois em sérvio. Havia, então, “lá fora”, um interesse em lê-lo. Mas para encontrar o quê? Essencialmente, a possibilidade de uma comparação, de uma confrontação, de uma troca (para não dizer “diálogo”, palavra demasiado carregada de história). Era preciso sair do discurso autista que afirma que só podemos conhecer a nós mesmos. Poderíamos compreender que as ideias científicas têm uma história e que essa história é privada de *sentido* se nos fechamos nos limites de uma ciência “nacional”.

A Europa começa no Atlântico, mas ninguém sabe quais são os seus limites orientais. Milan Kundera chamava a Rússia de “a Ásia do Oeste”. Ora, o escárnio não é a razão. A vida do pensamento não tem um limite *a priori*, e as trocas, os empréstimos, inclusive pela via da falta de compreensão e do mal-entendido, são uma riqueza imensa, o que seria erradíssimo negligenciar.

A orientação deste livro não é sociológica, mas epistemológica para a história das ciências: eu queria estudar como se construiu um objeto de conhecimento em ciências humanas, como é recebido, interpretado, como se fazem as passagens, as transferências de uma comunidade científica a outra, o que é retomado, aceito, recusado, silenciado, esquecido, engrandecido, reinventado, modificado nessa transferência. Mas a epistemologia não deve ser apenas *histórica*: ela também deve ser *comparada*. O “espírito do tempo” de uma época se sustenta por um parâmetro igualmente importante: o “espírito do lugar”...

Não se trata, de modo algum, de um relativismo: ao contrário, o desafio é ampliar para além das fronteiras o quadro de análise da temática de uma corrente de pensamento. Podia-se, então, abordar a relação paradoxal, difícil, até mesmo dolorosa, entre a epistemologia relacional do estruturalismo e a metafísica platônica de seus criadores “Russos de Praga”, sob o pano de fundo da metáfora do organismo tomada do idealismo alemão. Essa enquete permitiu atualizar o que me parece ser o tema fundamental de discussão das ciências da linguagem na Europa da primeira metade do século XX sobre o fundo da crise do positivismo: *o enigma das semelhanças entre as entidades geneticamente não aparentadas*. Daí descolava-se uma série de temas que se encadeavam, sem dificuldades, do antidarwinismo à busca do mundo utópico de um “terceiro continente”, mundo-refúgio, no qual a “ciência russa” estaria em perfeita adequação com o seu objeto ideal: a Rússia, passando pela construção de uma ciência da totalidade. Para este “estruturalismo ontológico”, a definição saussuriana de língua, por suas entidades negativas, pela noção

de valor e pela ideia de que “o ponto de vista cria o objeto”, não tinha nenhuma chance de ser aceita ou compreendida.

Reiteremos então que as ideias científicas têm uma história, mas que essa história não é o resultado de espíritos puros: ela é inseparável de lutas ideológicas, de conflitos políticos, de disputas filosóficas ou, até mesmo, de oposições religiosas. Um fenômeno de aparência tão inocente como a correlação fonológica de molhamento foi, para Jakobson, nos anos 1930, o ponto de apoio de uma geopolítica, na qual a geografia estava recoberta pela geometria: uma relação simétrica servia como prova de existência.

No domínio humano, ciência e ideologia estão intimamente ligadas e as discussões no período entreguerras nos dizem respeito sempre, elas são este “passado atual” do qual fala Natalja Avtonomova em seu prefácio para a tradução russa do livro.

P. S.  
Fevereiro de 2012



## INTRODUÇÃO

*O espaço claro de uma ciência não  
é tão claro como aparenta.*<sup>1</sup>

Na década de 1920, nesse pós-guerra que tem tantas revoluções, na arte, nas ciências ou na política, nesse período pós-trincheiras e matança, no qual cada um aparenta, como escreveu G. Apollinaire, “estar cansado deste mundo antigo”, R. Jakobson e N. Trubetzkoy proclamam, a quem os quer escutar, novos tempos científicos, uma nova organização do saber. Afirmam que, além disso, esse *novos* saber tem uma origem *local*: a “ciência russa”. Este livro é dedicado ao exame dessa dupla afirmação.

### Novidade e descentramento

De que nasce uma novidade científica? Como reconhecê-la? O que diziam Jakobson e Trubetzkoy era *novos*? O estruturalismo do Círculo de Praga estabeleceu uma *ruptura* com o que o precedeu? Há instrumentos para medir a sua magnitude? Jakobson e Trubetzkoy criaram uma descontinuidade no discurso científico? Ou é necessário apreciar a novidade desse discurso com o distanciamento espacial e cultural que separa a Rússia da Europa Ocidental, ou, ainda,

---

<sup>1</sup> Gusdorf, 1993-II, p. 365.

com o papel específico de Praga como um cruzamento de influências culturais no coração da Europa?<sup>2</sup> Se a dificuldade de traçar claros limites temporais entre os paradigmas torna pouco operante a utilização dessa noção em linguística, quais os limites espaciais do que poderiam ser chamadas, numa primeira aproximação, as *culturas científicas*? A questão dos *limites* dos objetos que construímos será central nesta discussão.

Mas, se a ciência pode ser dividida em epistemes locais e é estreitamente dependente de culturas nacionais, pode ainda ser ciência? Esse tipo de questão não é corrente no “Ocidente” no fim do século XX. No entanto, para esses dois linguistas tão unanimemente celebrados como estudiosos universais por suas contribuições à linguística no sentido estrito, a questão das epistemes locais, nas décadas de 1920-1930, não era vã; estava no centro das suas preocupações. Somos então obrigados a admitir que o termo “Ocidente”, quanto mais não seja na história das ciências, também precisa ser definido, não é um ponto de partida; teremos de buscar revelar os pressupostos de existência a partir de um discurso alternativo, o discurso identitário russo, que proclama uma oposição entre Oriente e Ocidente. Este trabalho, portanto, inscreve-se numa reflexão sobre a Europa: para a pergunta lancinante de muitos intelectuais russos, “a Rússia é parte da Europa?”, gostaríamos de trazer uma resposta a partir da história das ciências.

A tese que será sustentada aqui não tem nada de revolucionária. Queremos compreender se, nos textos de Tru-

2 Sobre a interculturalidade como um componente particular do ambiente em Praga durante o período entreguerras, cf. Raynaud, 1990.

betzkoy e Jakobson, “orgânico” é sinônimo de “estrutural”, se o emprego incessante da palavra “organismo” é uma metáfora, ou, ainda, se revela um pensamento por si mesmo biologista. Trata-se de mostrar uma gênese, um nascimento doloroso de uma noção, a de *estrutura*, a partir de outra, a noção romântica de *totalidade*, além de uma terceira: aquela de *organismo*, no estruturalismo de Praga, principalmente entre seus ilustres representantes russos. Assistimos assim ao lento deslocamento de um mundo conceitual a outro, apesar das declarações explícitas de ruptura junto a numerosos protagonistas do estruturalismo dessa época. É que a “modernidade” científica não é uma questão de declaração; ela não se reflete tal qual na consciência dos contemporâneos. Afirmar uma ruptura não é suficiente para realizá-la. A revolução estrutural operada em Praga, no entreguerras, não é um corte epistemológico assim tão radical como foi pretendido. Nos anos 1920-1930, viu-se desenrolar os sobressaltos da lenta e difícil transformação da metáfora organicista em estruturalismo. É esse momento de mudança, após o qual tudo se acelera, que vamos estudar aqui, esse aparelho conceitual em gestação, esse momento de equilíbrio instável, como se estivéssemos no parque de diversões, no topo da montanha-russa, e fôssemos iniciar a descida.

Que a noção de estrutura provenha da noção de organismo não é uma ideia nova; ela já foi discutida por Cassirer<sup>3</sup> e por Koerner.<sup>4</sup> Vamos tratar mais particularmente do problema das fontes do Leste Europeu dessa filiação.

---

3 Cassirer, 1945.

4 Koerner, 1976, p. 701.

Não diremos jamais o bastante o quanto este momento, o entreguerras, e este lugar, a Europa central e oriental, são de uma importância capital para a história das ciências humanas, na medida do fraco conhecimento que se tem no mundo francófono. Assim, para François Dosse,<sup>5</sup> a *Histoire du structuralisme* é a história dos intelectuais parisienses nos anos 1950-1970; para a *Encyclopédie philosophique universelle*, “o movimento estruturalista é um movimento do pensamento que conheceu seu apogeu na França nos anos sessenta”.<sup>6</sup>

É por isso que insistiremos sobre o *descentramento*: o estruturalismo não é só a Paris da década de 1960. É também, nos anos 1920-1930, entre Praga e Viena, um redemoinho, em que metáforas migram de uma ciência para outra, principalmente da geografia e da biologia à linguística; é uma longa retomada e reinterpretação da longa querela do Iluminismo e do Romantismo; é um jogo de descoberta e mal-entendidos, no qual o idealismo alemão e o neoplatonismo são reinterpretados por cientistas russos emigrados em busca de identidade perante uma modernidade desestabilizante e que levaram com eles nas suas cabeças o que chamavam de “a ciência russa”. É um mundo intelectual do período de entreguerras, no qual a noção filosófica de totalidade mantém uma relação ambígua e contraditória com a noção ideológica de totalitarismo, na qual a questão de fechamento e de abertura de sistemas, de culturas, de ciências avizinha-se com aquela de relações do indivíduo com a coletividade. A noção de estrutura na sua ligação com aquela

---

5 Dosse, 1991.

6 *Encyclopédie philosophique universelle*, 1990 - II, p. 2.468.